

Portugiesisch

LIDAR COM O FRACASSO

N. Greinacher

D. Mieth

C. Pérez

N. Bitoto Abeng



LIDAR COM SITUAÇÕES DE FRACASSO: “POR QUE ACONTECE ISTO COMIGO...?”

Uma oportunidade para aprender a viver

“Eloi, Eloi, lama sabachthani — Deus meu, Deus meu, por que me abandonaste?” (Palavras de Jesus crucificado — Mc 15,34).

“Abba, Pai, a ti tudo é possível; afasta de mim este cálice; porém, não o que eu quero, mas o que tu queres” (Palavras de Jesus no Getsêmani — Mc 14,36).

“Quem sou eu? Dizem de mim que suporto os dias de desgraça (prisão) com ânimo imperturbável, sorridente e orgulhoso, como alguém afeito a ser vitorioso.

.....

Sou eu realmente aquilo que outros afirmam de mim? Ou sou apenas aquilo que sei de mim mesmo? Inquieto, ansioso, doente, como um pássaro na gaiola, tremendo de cólera face à arbitrariedade e às mesquinhas humilhações, cansado e árido para rezar e pensar, abatido para o trabalho e disposto a desistir de tudo?

.....

Quem sou eu? Este ou aqueloutro? Seria eu hoje este e amanhã um outro? Ou ambos a um tempo só? Perante os homens, um hipócrita; perante mim mesmo, um derrotado, digno de lástima?

.....

Quem sou eu? Objeto de escárnio, exposto a um solilóquio indagador... Seja eu o que for, Tu me conheces, pois a Ti pertenceo, Deus meu!”

(Reflexões de Bonhoeffer, feitas na prisão de Berlim-Tegel e endereçadas a seu amigo ["Tu és o único homem que sabe..."] e não a seus pais, no ano de sua execução, em 1940).¹

O fato de Dietrich Bonhoeffer — quase dois mil anos depois de Jesus — ter podido admitir e expressar que o autodomínio é sustentável apenas temporariamente (o que o levou à condição de um homem desconhecido de si mesmo) revela-nos um processo psicológico importante. Sugere-nos volver o pensamento aos profetas da Antiga Aliança, aos místicos, a contemporâneos prementes: Nenhum deles pode ser considerado senhor de si mesmo em termos de perenidade. O inefável — o outro ser — somente é visível ao Absoluto incondicionado.

É o que Sören Kierkegaard explana em sua tormentosa busca do "Ou... ou" como "nova percepção do homem", "seu verdadeiro ser", seu "novo estar aqui perante Deus". Para Kierkegaard nada mais subsiste senão o único mergulho "de cem mil braças de profundidade pela incerteza adentro", a "ousadia da fé", o "confiar-se incondicionalmente ao bom Deus", ante a séria "ameaça de intranqüilidade e insegurança que paira sobre a existência humana"² (apud Sören Kierkegaard, *Ou... ou*, 1843).

É o que Hans Jonas — prêmio da Paz do comércio livreiro alemão em 1987 — proclama, com profundos questionamentos existenciais e filosóficos, frente à perseguição e sofrimentos suportados pelos judeus, sob o provocativo título "A noção de Deus após Auschwitz". Avança literalmente este entendimento: "Ele (Deus) não é onipotente" ... "... Deus silenciou. Por isso eu (Jonas) declaro: Não por falta de querer, e sim porque não pôde, deixou de intervir"... "Ao simples consentir que o homem seja livre é insita uma renúncia ao poder divino". Desta sorte qualquer "resposta à pergunta de Jó" não pode já restringir-se a mero "balbucio perante o segredo eterno".

Jonas escreve: "A minha opinião opõe-se à expressa no livro de Jó. Esta se refere à plenitude do poder de Deus criador. A minha concerne à renúncia ao poder... Na realidade, a desistência ocorreu para que nós pudéssemos existir. Também esta é, ao que me parece, uma resposta a Jó: Nele sofre o próprio Deus".³

1. Dietrich Bonhoeffer, *Widerstand und Ergebung* (nova edição) Munique 1977, p. 381s.
2. Sören Kierkegaard, *Ou... ou* (20.02.1843).
3. Hans Jonas, *Der Gottesbegriff nach Auschwitz*, Tübinga 1984, p. 39, 41, 43, 49.

Contudo, na comunicação íntima e pessoal a palavra também dele — filósofo — se retrai, cedendo lugar ao inefável, na linguagem sobremodo significativa das lágrimas (apud Hans Jonas, *A noção de Deus após Auschwitz*, 1984).

O clamor de homens através de dois milênios continua ressoando: “Por que me abandonaste?” — “Quem sou eu?” — “Quem és Tu, Deus meu?” — “Quem és Tu depois de Auschwitz?”

Passos, caminhos, processos de cristãos cujos nomes se tornaram universalmente conhecidos confirmam o seguinte resultado de meus estudos:

“Também o cristão desconhece qualquer caminho que passe ao largo do sofrimento. No entanto, conhece um caminho — com Deus — que passa por ele. Escuridão, longe de ser sinal de ausência de Deus, é o escondimento de Deus, no qual — seguindo-o — nos pomos a sua procura e o reencontramos”⁴ (apud Erika Schuchardt, *Por que acontece isso comigo...?*, 1981).

Pergunta que reiteradamente me tem sido feita: “Teriam os cristãos maior facilidade para aprender a lidar, em sua caminhada, com as crises de fracasso?” Em parte, sou obrigada a responder que não. Com base em pesquisas feitas ao longo de anos e no acompanhamento direto da cura de almas posso esclarecer o seguinte: Em períodos de sofrimento mais grave, não raro um cristão se vê obrigado a suportar não apenas o seu infortúnio, a sua crise. Deve, em acréscimo, sustentar a sua fé e enfrentar a tentação. Vale dizer, a par dos sofrimentos visíveis, deverá lidar com a imagem de Deus, até então pouco aparente. A fissura que perpassa a criação nesse momento o atinge também a ele. Sua teologia da cruz, seu conhecimento apreensível pela via da imitação deverá, por certo, ser por ele testado pela primeira vez através da experiência pessoal, sob o peso da cruz, na imitação existencial irrecusável. Já não está em cogitação aprender a aceitar uma cruz qualquer, mas abraçar a *própria* cruz.

Por outro lado, cumpre-me referir algo de que falam quase todos os autores de mais de 500 biografias: O cristão possui um endereço diurno e noturno, um interlocutor, um parceiro de diálogo. Conta com um Deus, ao qual — assim como já sucedera ao clássico Jó — a qualquer tempo, a qualquer hora, a qualquer momento, poderá dirigir-se, confiante, orando, queixando-se, silen-

4. Erika Schuchardt, *Warum gerade ich...? Leiden und Glauben*, Offenbach/Frankfurt 1981, 1990, Prefácio p. 4. Distinguido com o Prêmio de Literatura em 1984. Em inglês: *Why is this Happening to Me...? Guidance and Hope for Those who Suffer*, Augsburg Fortress Publisher, Minneapolis/USA 1990.

ciando, chorando. Deus sempre aí está, ouvindo. E Deus tolera todas as minhas lamentações.

Relativamente a estas interrogações — na moldura de biografias escritas na Europa e em outros continentes — reporto-me ao meu livro *Por que acontece isso comigo...? Sofrimento e fé* (Tradução inglesa em elaboração, em 1990, e dinamarquesa de 1986, e transposição anagliográfica para cegos, 1984).

A seguir ocupar-me-ei do tema “Como lidar com situações de fracasso — Oportunidade para aprender a viver”. Para tal fim, vou dividir o trabalho em duas partes:

1. Lidar com situações de fracasso como processo de aprendizagem, à luz de 500 histórias de vida.

2. Elaboração de crises como processo de aprendizagem, segundo Pearl S. Buck, autora americana, prêmio Nobel: “Criança amada e infeliz”.

I. O LIDAR COM FRACASSO COMO PROCESSO DE APRENDIZAGEM — COM REFERÊNCIA A 500 HISTÓRIAS DE VIDA

Por mais de uma década vinha eu alimentando o propósito de apontar possibilidades de elaboração de crises, recorrendo à análise de biografias de deficientes ou incapazes. Na realidade, as biografias de deficientes e seus acompanhantes de certo modo espelham, em retrato ampliado, as crises da existência humana em si mesma. De qualquer modo, há uma diferença decisiva a registrar: O não-atingido, o assim chamado não-deficiente, consegue furtar-se, em muitos casos e mesmo pela vida toda — talvez até a hora da morte — às situações trágicas, se bem que ao preço de percepção defeituosa da sua identidade. O atingido, o assim chamado deficiente, ao contrário, terá muito mais dificuldade para, durante toda a vida, manter-se à margem de sua crise. Para ilustrar a minha tese sobre “Elaboração das crises como processo de aprendizagem”, quero a seguir apresentar os resultados de trabalhos de pesquisa por mim realizados. Formulada a questão “De que modo aprendem os respectivos sujeitos a conviver com a sua crise de deficiência?” — para fins de aferição de seu sistema de referência foram efetuadas análises de vidas e de seu contexto: Num primeiro exame^{5,6}, desenvolvido pelo método biográfico, com 500 histórias de vida; num exame complemen-

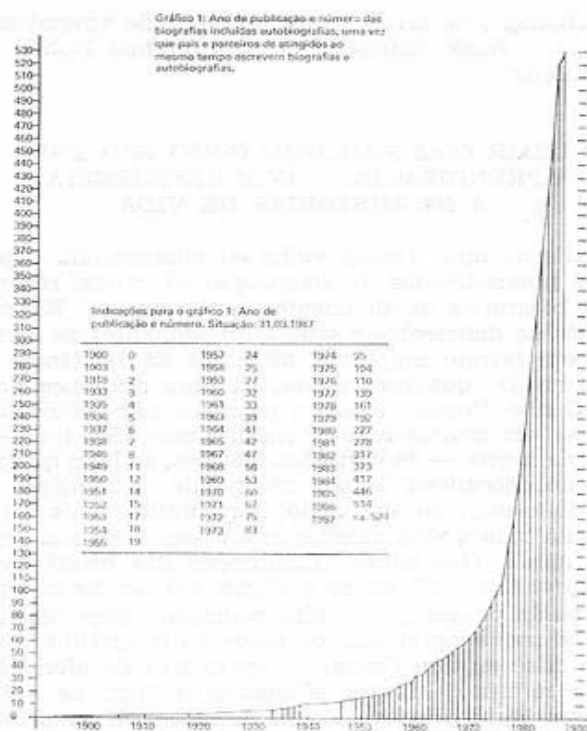
5. Erika Schuchardt, *Biographische Erfahrung und wissenschaftliche Theorie. Soziale Integration Behinderter*, vol. 1, Bad Heilbrunn 1980 (4ª edição 1990).

6. Erika Schuchardt, *Weiterbildung als Krisenverarbeitung. Soziale Integration Behinderter*, vol. 2, Bad Heilbrunn 1980, 4ª edição 1990).

tar^{7,8}, feito à base de entrevistas qualificadas de contemporâneos ainda vivos (131), validação comunicativa e processos de discussão em grupo.

Em seguida, são apresentados quatro gráficos para ilustrar o decurso da primeira investigação:

O gráfico 1 indica os anos de divulgação e a quantidade das biografias, de 1900 até 1987. Nelas se incluíram autobiografias, visto que tanto pais como parceiros dos sujeitos atingidos simultaneamente têm escrito biografias e autobiografias. A curva de acentuada projeção ascendente, a partir de 1970 (de 60 dentre 524 biografias) assinala a progressiva sensibilização e mudança de consciência verificável na República Federal da Alemanha frente à relevância social de crises como desafio para a aprendizagem.



7. Erika Schuchardt, *Jede Krise ist ein neuer Anfang. Aus Lebensgeschichten lernen*, Düsseldorf 1984 (4ª edição 1990). Distinguido com o Prémio do Livro AWMM, em 1985, em Luxemburgo.

8. Erika Schuchardt, *Krise als Lernchance. Analyse von Lebensgeschichten*, Düsseldorf 1985.

O gráfico II chama a atenção sobre os diferentes sistemas de sociedade e formação relativamente aos biógrafos. Surpreendentemente se dispõe de mal a metade (200) das obras em apreço com tradução alemã do original norte-americano (89), inglês (45) e do francês (39) e, ainda, do russo (6), do holandês (4), do norueguês (4), do sueco (4), do italiano (2), do hebraico (2), do espanhol (2), do dinamarquês (1) e do japonês (1).

Gráfico II: Sistemas sociais e educacionais dos biógrafos

	Países europeus										Países não-europeus							
	Rep. Fed. Alem.	Dinamarca	Rep. Dem. Alem.	França	Grã-Bretanha	Itália	Países Baixos	Noruega	Áustria	Suécia	Suiça	Israel	Japão	Colômbia	México	União Soviética	E.U.A.	Soma
alemão	281		26						8	9								324
traduzido		1		39	45	2	4	4		4	1	2	1	1	1	6	89	200
																		524

O gráfico III informa sobre as diferentes espécies de deficiências ou perturbações da saúde, na perspectiva das quais os biógrafos escreveram. Sob a classificação de "espécies de deficiência", numericamente ocupam o primeiro lugar os escritos sobre os deficientes psíquicos (93); em segundo lugar, os deficientes físicos (78); em terceiro lugar, os deficientes sensoriais, visuais e auditivos (59); em quarto lugar, os deficientes mentais (46) e, em quinto e em sexto lugar, os deficientes de fala (11) e os deficientes de aprendizagem (1). O gráfico III não esclarece que os doentes crônicos, referidos sob a classificação de "doenças de duração prolongada", moléstias como câncer (76), vício (59), esclerose múltipla (9) e outras (90), escreveram pela primeira vez em 1970 e, a partir de então, têm aparecido biografias pertinentes com frequência cada vez maior. Desde 1970 aumentou o número dessas biografias com rapidez, ao longo de apenas 17 anos (1970 a 1987), até perfazer o total de 234, chegando mal e mal à metade de todas as 524 biografias, frente a 290 pessoas afetadas por deficiências. Relewa notar que estas últimas biografias foram escritas ao longo de um período de 87 anos (1900 a 1987), cinco vezes maior do que o das demais.

Gráfico III: Biógrafos e deficientes*ou distúrbios vitais

	Tipos de deficiência						Doenças prolongadas				
	Deficiência mental	Deficiência física	Deficiência de aprendizagem	Deficiência psíquica/ perturbações de conduta	Deficiência sensorial: Visão e audição	Deficiência de fala	Câncer	Esterose Múltipla	vício	Outros	Soma
Atingidos		60		38	39	7	43	7	50	38	282
Pais	35	7		12	3	1	10		4	10	82
Parceiros				5	1		12		1	8	27
Especialistas	11	11	1	38	16	3	12	2	5	34	133
	46	78	1	93	59	11	76	9	59	90	524

* Tipos de deficiência segundo a sistemática do Conselho de Educação da Alemanha, Bonn, 1973

O gráfico IV denuncia um ritmo crescente de mudança no predomínio unilateral e antigo das mulheres em favor de disponibilidade mais equilibrada de homens e mulheres para ocupar-se da elaboração das crises. Com participação numérica quase igual em 1987, 217 homens e 272 mulheres, bem como 35 homens e mulheres em trabalho e coautoria, produziram obras pertinentes à matéria. Todavia, revelaram estudos comparativos a persistência da oneração unilateral das mulheres relativamente à problemática em tela. Efetivamente, em 1980 as informações atinentes à mesma eram transmitidas de forma predominante por mulheres, numa proporção de 4/5. Em 1984, tal desproporção se reduziu a 2/3. E, finalmente, em 1987, pôde constatar-se equilíbrio quase perfeito na produção de biografias por homens e mulheres, com tendência progressiva à coautoria entre um e outro sexo.

Gráfico IV: Status dos biógrafos

Atingidos	Mulheres 154	Homens 123	ambos 5	Soma 282
Pais	Mães 54	Pais 21	ambos 7	Soma 82
Parceiros	Parceiras 12	Parceiros 7	ambos 8	Soma 27
Especialistas	Mulheres 46	Homens 62	ambos 9	Soma 117
Atingidos com especialistas	Mulheres 6	Homens 4	ambos 6	Soma 16
	272	217	35	524

Quanto à indagação sobre o "processo de elaboração como chance de aprendizagem" será útil um comentário sobre a longa caminhada de aprendizagem incomparavelmente difícil da elaboração das crises existenciais em referência. A leitura atenta das biografias enseja-nos impressionantes constatações: Os estágios desse processo de aprendizagem, independentemente do fator desencadeante da crise — o início da deficiência somática, psíquica, sensorial ou mental, ou de doença crônica, ou da crise subsequente à certeza da morte — terão de ser, por todos os respectivos sujeitos, percorridos e dominados, antes de ser por eles alcançada uma nova identidade ou a reintegração social. Sob o aspecto da igualdade de situações, é importante que sujeitos ainda não atingidos analogicamente vivenciem o mesmo processo de aprendizagem, quando, com crises de identificação, como, por exemplo, desemprego, perda do parceiro, pressentimento da morte, se considerem, eles próprios, irrecoravelmente atingidos. Eis por que tal processo de aprendizagem não foi designado como elaboração de crises de deficientes, e sim de crises pura e simplesmente.

Talvez seja proveitoso, para ilustrar o processo de elaboração das crises, simularmos um confronto de nós mesmos com diagnósticos como estes: "Você tem uma doença que leva à morte certa", "você está com câncer", ou "o acidente que você sofreu o transformará em paraplégico", ou, então, "seu filho, ou neto, é fisicamente sadio, porém deficiente mental", ou "você está condenado ao desemprego". Mais cedo ou mais tarde fariamos, por certo, a nós mesmos a pergunta: "Por que acontece isso comigo?" Raro, talvez nunca, admitiríamos formular a pergunta em contrário: "Por que não eu?" Se ousarmos, a título de tentativa, fazer a nós mesmos a primeira pergunta acima referida, perceberemos desde logo e antecipadamente as fases do processo de elaboração a que chamo "fases em espiral". Com tal expressão pretendo significar a dinâmica da luta pelo encontro da identidade, travada, não raro, ao longo da vida toda. Ademais, a espiral ilustra a superposição de fases interligadas do processo de aprendizagem de elaboração das crises. Tanto podem elas dispor-se uma acima da outra, à maneira de degraus, bem distantes entre si, como podem situar-se "paralelamente" uma ao lado da outra, ou ainda corresponder-se reciprocamente. Tal disposição será descrita como segue:

Fase da espiral 1: Incerteza

A instalação de uma crise de deficiência apresenta-se, de início, à guisa de choque. O fato desencadeante da crise — um acidente, uma notícia, um evento — é percebido como a queda

de um raio. Vem perturbar uma vida orientada por normas e organizada de conformidade com elas. O sujeito defronta-se inopinadamente com situação de vida inesperada, que o distrai das normas estabelecidas. A crise começou e o atingido, colocado frente a frente com o desconhecido, vê-se presa de um temor que beira ao pânico. Automaticamente se volta para os modelos de reação conhecidos, prepara-se para a luta, constrói cidadelas defensivas, socorre-se de ritos racionais e faz o possível, sem omitir nenhum meio disponível, para afastar o elemento gerador ou motivador da crise. Para ele, a experiência chocante não pode existir de verdade, porque não deve existir. Não consegue admitir o fato. Bate-se por isso pela conquista de espaço livre, acionando sempre novos mecanismos de defesa. Na situação de instabilidade, alimentada pelo afã de contornar a crise, uma característica comum a todos os atingidos vem à tona: a "negação implícita". Tal estado de "incerteza" foi descrito por Kübler-Ross como "não-querer-admitir e isolar-se". O "não-querer" configuraria procedimento consciente, em contraposição ao qual o conceito de *incerteza* aponta para o fato de que se trata antes de uma situação de semi-consciência, em que o sujeito ainda não logra discernir o que acontece, com a tendência de simplesmente negar a crise. Na linguagem cotidiana tal situação corresponde a pergunta: "O que estará mesmo acontecendo...?"

Ao "expert" em análise de linguagem torna-se claro que atrás daquele *mesmo* se oculta um inconfessado raciocínio bipolar, indicativo do reconhecimento velado da crise. Para o acompanhamento do atingido é conveniente se descreva com maior minúcia a fase da espiral 1, como fase inicial e de reconhecimento. Nessa etapa preliminar são constatáveis três fases intermediárias, que tanto podem excluir-se reciprocamente como coexistir lado a lado e cuja duração apresenta variantes desiguais.

Fase intermediária 1.1: Inconsciência
"O que vem a significar isto...?"

Fase intermediária 1.2: Incerteza
"Estaria isto significando alguma coisa...?"

Fase intermediária 1.3: Inaceitabilidade
"Mas isto deve ser um equívoco...!"

Nas fases que intermedeiam as de inconsciência (1) e de certeza (2) não raro já existem uma ou mais pessoas que conhecem a realidade, seja o parceiro, o médico, o vizinho, seja outro paciente, em contraste com o próprio atingido, ainda ignorante de tudo. Com isso um clima alterado se instala: O conhecedor da situação, consciente de sua responsabilidade, desencadeia, com o

seu comportamento, o prelúdio de um relacionamento futuro de confiança ou de desconfiança. Será inevitável que o seu conhecimento da realidade se projete nas relações com o atingido, ainda não sabedor de sua situação real. Com isso o processo do reconhecimento, da descoberta da verdade, é fortemente influenciado, favorecendo-o ou entretendo-o.

Fase da espiral 2: Certeza

A *certeza*, já pressentida na fase da incerteza (1), inevitavelmente se impõe ao atingido, alertado, mais cedo ou mais tarde, para o dano a sua integridade vital. Surge na fase da espiral 2. Presumivelmente, será por ele assim articulada: "Sim, mas não pode ser..." Tal manifestação soa como negação afirmativa e ao mesmo tempo trai o anseio pela continuidade da negação pura e simples. A ambivalência se faz presente!

Também o atingido já consciente de sua crise vê-se compelido, vez que outra, a negá-la, até mesmo para poder prosseguir vivendo. Está pronto para aceitar a verdade indivisa, mas, nos planos emocional e fático, mantém-se vivo ao preço de esperar contra toda a esperança, na vã expectativa de que os indícios venham a comprovar-se como falsos ou equivocados. Tal ambivalência entre o sim racional e o não emocional é nota característica da fase de certeza (2). A atitude ambivalente do "sim... mas..." interpõe-se como pára-choque, de acordo com os reclamos do momento, entre o atingido e o seu sobressalto ante a revelação do diagnóstico. Ganha com isso tempo, em que poderá sempre recompor-se e recomeçar tudo, para prosseguir na caminhada. Apesar disso, toda conversão acerca da realidade serve de ajuda esclarecedora face à irrecusável certeza, uma vez que estabelece uma relação entre o reconhecimento racional e a reação emotiva. A hipótese decisiva para isso é a iniciativa do próprio atingido. Dele deverá partir o sinal de que pretende falar às claras sobre a situação. Só assim se possibilita a descoberta efetiva da verdade. Uma intermediação dosada da parte de estranhos poderá levar à aceitação da verdade, no sentido de "induzi-lo a falar".

A busca da verdade não se reduz ao indagar acerca da informação objetivamente certa sobre algo, ou acerca de princípios. Não é, tampouco, ato isolado, fechado em si mesmo, de transmissão de informações. Trata-se, ao contrário, de problema bem mais complexo de comunicação entre emissor e receptor. Configura, isto sim, processo de mediação, de entrelaçamento de relações, de vínculos já existentes entre atingido e não-atingidos

(médico, pessoal especializado, acompanhante). Assim sendo, a revelação da verdade não se encerra num espaço de tempo fechado: "Você está doente...", "...Você tem um filho mongólico..." ... "Você deverá admitir que tem uma lesão da coluna vertebral incurável". Ocorre num contexto de relacionamento intersubjetivo (entre pessoas) em cada situação específica. Não raro, porém, insinua-se a pergunta: Terá a situação racionalmente admitida como consectário o recalque de sentimentos relacionados com mecanismos de defesa, ou já estará o atingido emocionalmente em condições de suportá-la? De que forma atingido e acompanhantes assumem solidariamente a inarredável imposição do destino? Isto configura, em última análise, indagação sobre a capacidade de empenho dos acompanhantes, sua competência comunicativo-terapêutica e a estabilidade interior de sua auto-identificação frente a situações-limite. Inegavelmente, contudo, assiste aos atingidos o direito de acesso à verdade plena, a ser-lhes comunicada no momento em que estejam em condições de suportá-la e elaborá-la.

Fase da espiral 3: Agressão

As fases antes de tudo cognitivas "racionalis" e "dirigidas de fora" da incerteza (1) e da ainda ambivalente certeza (2) seguem-se as fases em espiral "emocionais" e "não-dirigidas" das explosões da sensibilidade abalada, que perpassam o estágio de transição.

É o momento em que a certeza "cerebral" da experiência se insinua na capacidade cognitiva do "coração". "... Só agora consigo entender..." Ferido e abalado em sua segurança básica, exclama o atingido: "Por que acontece isso comigo...?" O tormento de tal percepção vem acompanhado de tão violentas tempestades emocionais que o atingido acredita que vai sucumbir, sufocado pelas mesmas, ou então — na hipótese mais desfavorável de revolta — expande-se em agressões contra o mundo que o cerca. O protesto, manifestado à guisa de erupção vulcânica, mais adequadamente se designa como *agressão* (3). A nota efetivamente trágica nisso tudo reside no fato de que o objeto da agressão propriamente dito, a causa eficiente da crise, não é manifesta e tangível. Em razão disso as agressões se voltam para sucedâneos. Serve-lhes, então, de alvo tudo quanto encontram pela frente. Destarte a agressão aos de fora, sem motivo palpável, espalha-se em todas as direções e contra tudo e nada. Seja qual for a direção para a qual o atingido se volte, em toda a parte encontra pretexto para anunciar os seus intentos. Sem se

dar conta do fato, procura válvulas de escape, objetivando aliviar a sobrecarga de sentimentos, a fim de que, livre das pressões, possa voltar a ser apto para a ação. Aqui, todavia, inicia-se um novo círculo diabólico. Descobri nove diferentes modelos de referência da agressão, dois dos quais convém sejam aqui mencionados: o "desejo de morrer", unanimemente descrito por todos os biógrafos, e o "suicídio", praticado por não menos que dois terços dos mais de 500 biógrafos referidos.

Na fase de incerteza (1), o falso cuidado daqueles que em tempo reconheceram a situação e desejam poupar o atingido, não raro reforça a negação deste último. De outra parte, o mal interpretado protesto do atingido, na fase agressiva, em sendo visto como reação de defesa pessoal e não como válvula de escape, leva-os a iniciativas de defesa contra o já duramente atingido. Subjugado pelo seu sofrimento, encontra este exatamente nisso a comprovação de que todos se mancomunaram contra ele. E passa a sentir-se efetivamente em situação de abandono e isolamento.

É nesta fase que se evidenciam com maior clareza os perigos aos quais se encontra exposto o atingido, à falta de acompanhamento adequado. Ou sucumbe à agressão através de autodestruição passiva ou ativa, ou não resiste ao impacto do isolamento produzido por manifestações hostis do contexto social, ou então imerge em resignação, tornando-se joguete de controles introjetados por sentimentos negativos. Com isso já se faz pressentir o significado fundamental da agressão como fase introdutória à elaboração emocional da crise, ao longo de todo o processo de aprendizagem.

Fase da espiral 4: Negociação

As energias emocionais libertadas pela agressividade impulsionam à ação. Praticamente sem escolha prévia, acionam-se todas as medidas imagináveis para o fim de se encontrar uma saída da impotência gerada pela situação irremediável. Tais "tentativas eliminatórias" sucedem-se de forma ininterrupta. Entram em jogo iniciativas de cada vez maior envergadura. Discute-se e negocia-se. Dependendo da situação econômica e da escala de valores do atingido, duas direções podem ser assinaladas: A movimentação do "arsenal dos recursos médicos mundiais" e o "apelo ao milagre". A consulta indiscriminada de médicos de várias especialidades, de renomadas capacidades estrangeiras, até a procura do mais obscuro curandeiro, todos os meios são mobilizados, com investimentos vultosos, a ponto de não raro acarretarem a ruína

financeira da respectiva família, na compra da esperança de que seja adiado o diagnóstico definitivo. Simultaneamente se percorrem todos "os caminhos à procura do milagre": Peregrinações a Lourdes — realizadas por dois terços de todos os biógrafos — celebração de missas, imposição das mãos no culto religioso, proferimento de votos, doação legal de todos os bens à Igreja ou a estabelecimentos humanitários, promessa de entrar no convento ou de radical mudança de vida, sob a — note-se bem — única condição "de...se...!" Esta fase de descontrolada emotividade deve ser entendida como derradeiro esforço de reerguimento. É designada como *negociação* (4). Também aqui percebemos quão perigoso pode ser o caminho, quando o atingido for obrigado a percorrê-lo sozinho. Há o risco de que sua irrefletiva ação vá culminar numa "liquidação" material e espiritual. Por outro lado, perceber-se-á quantas desilusões poderão ser mitigadas, se o atingido compreender nessa fase suas próprias reações e aprender a lidar com elas.

Fase da espiral 5: Depressão

É inevitável que mais cedo ou mais tarde toda negociação, como a corrida ao "arsenal de recursos médicos mundiais", ou o "apelo ao milagre", esteja condenada ao fracasso. O doente acometido de câncer não consegue esconder a si mesmo a certeza da morte; o paraplégico já não pode negar a ausência da sensibilidade das pernas; a mãe da criança mongólica já não consegue ignorar o comportamento e a expressão facial da mesma; o desempregado não logra subtrair-se aos olhares compassivos das pessoas do seu ambiente social. As emoções exteriorizadas se exaurem, cedendo lugar a um interiorizado esvaziamento da esperança, culminando na mudez acabrunhante. Frequentemente experimenta o atingido o seu infortúnio nas fases precedentes como frustração. Mergulha no abismo do desespero ou da resignação: "Para quê?... Tudo deixou de ter sentido para mim..." Agita-se interiormente, em meio à *depressão* (5). A tristeza o abate. Mas tristeza e lágrimas ainda são linguagem, sinal de vida, consciência de estar ferido. É resistência passiva ao golpe sofrido. Já agora percebe o atingido, não apenas no plano racional, mas também no emotivo, o prejuízo daquilo que já não existe. O que está perdido é então conscientemente abandonado. Contudo, o atingido reconhece o que lhe ficou e o que pode ser projetado com isso. A tristeza em razão do que deixou de existir possui duas fases: De um lado, a tristeza pela perda, a tristeza retrospectiva pelo já perdido, como o já-não-poder-caminhar, a desejada criança sadia; de outro lado, a tristeza pelas perdas

futuras, a tristeza antecipatória. Esta última nasce do temor das conseqüências do prejuízo, ameaças futuras ao emprego e ao status social já não reconquistáveis, do desaparecimento do valor do parceiro, homem ou mulher, dos amigos que desaparecem, das metas da vida destruídas... Ambas as espécies de depressão, fundadas nas experiências pretéritas de prejuízo sofrido e na ansiedade antecipatória de futura diminuição de faculdades vitais, constituem, em seu conjunto, o libertar-se-de-esperanças irrealis, um decisivo adeus às utopias.

A perda da esperança e o temor ante a ameaça de ser desenganado prepara o atingido para a definitiva desistência de todas as tentativas de negar os danos irremediáveis. Tal situação vem acompanhada de uma aflição sem limites, da assim chamada elaboração aflitiva (*Trauerarbeit*). Serve de ensaio preparatório da aceitação do destino. Contém o germe da *con-versão*, do *progresso* rumo à interioridade e ao encontro do atingido consigo mesmo. Desse encontrar-se-consigo-mesmo dimana a liberdade de distanciar-se de experiências sofridas e de organizar, ele próprio, as providências subsequentes a serem tomadas. É o início da fase dos objetivos.

Fase da espiral 6: Aceitação

As curvas da espiral representam a característica da experiência dos limites. O sofrer e o suportar a fase da luta contra tudo o que existe, no âmbito da racionalidade, acaba abatendo a capacidade de resistência do atingido. Sente-se ele vazio, quase abúlico, mas como que libertado, em situação-limite. Já deu livre curso ao seu entendimento, esgotando todas as possibilidades, em todas as direções. Gastou suas reservas de aflição, em reações e antecipações aos danos presentes e futuros. Suas energias chegaram ao fim. Exaurido, porém como que salvo, dispõe-se à abertura para novas experiências. A "coisa" emerge dele a partir da abertura, do estar-consigo-mesmo, do livrar-se-de-si-mesmo.

O atingido certifica-se, finalmente, de ainda estar aí. Sensibiliza-o a consciência de não se encontrar só, de poder usar os seus sentidos. Sente-se envergonhado por ter esquecido o seu pensar e sentir, o seu existir humano integral. Despontam no seu espírito percepções, vivências, experiências, que se condensam neste reconhecimento: "Somente agora eu reconheço...!" Eu sou, eu posso, eu quero, eu me aceito. Vou conviver com minhas características individuais. Designou-se tal fase como de *aceitação* (6). "Aceito-me, com as características que me são próprias, apesar da paralisia das pernas. Aceito-me como mãe de uma filha

mongólica! Não existo *contra*, mas *com* a crise. Sou uma pessoa como todas as demais. Todos têm de aprender a viver com a sua crise, com as suas limitações. E todos realmente convivem com elas. Quero viver e compreender a minha vida.

Aceitação não significa desistência resignada. Tampouco se deve entendê-la como anuência consentida. Nenhum ser humano pode espontaneamente consentir em sofrer profundos danos. Pode, todavia, aprender a aceitar o inevitável através da elaboração de suas crises. Aceitação é, pois, a ultrapassagem dos limites da consciência que, então, inesperadamente se alargam. Com tal atitude, o atingido torna-se apto para a aceitação.

Fase da espiral 7: Ação

A resolução de conviver com suas características individuais tem por efeito libertar energias até então utilizadas no combate contra a realidade irremediável. O potencial energético libertado impulsiona o sujeito à ação. "Vou fazer isso!" É a manifestação espontânea da mudança. Autodirecionamento com plena mobilização das faculdades racionais e das reservas emotivas assinalam o início da fase 7, de *ação*. O atingido dá-se conta de que não tem relevância decisiva aquilo que se possui, mas sim aquilo que se realiza com o que se tem! Nele se processa, de forma direta e indireta, uma transformação, uma reestruturação de valores e normas, com base em experiências elaboradas, não de fora, porém de conformidade com os sistemas de normas e valores válidos e dominantes. Os patamares normativos e axiológicos permanecem os mesmos, porém se reordenam em virtude da perspectiva modificada. É inevitável, então, que o agir e pensar modifiquem a própria realidade em sua percepção original. O que é significativo é sobretudo o fato de o atingido proceder à mudança própria. Importa que, mediante tal processo de aprendizagem, a "mudança de sistema" se faça como seqüência e não como meta. Mas mudança aqui significa a possibilidade de ser diferente, mercê de perspectivas de procedimentos alternativos, como resultado de uma redefinição, dentro de limites estabelecidos — uma ousadia de atuar de modo autônomo.

Fase da espiral 8: Solidariedade

Se o atingido pelo sofrimento, nas fases acima descritas, for adequadamente acompanhado, nele despontará, em dado instante, o desejo de ligar-se, de forma responsável, a uma atividade social.

A abrangência do envolvimento pessoal, as características individuais alteradas se revelam em planos de vida mais amplos. A deficiência se retrai para o segundo plano. E o campo do comprometimento social ganha vulto na consciência do atingido. Aceita ele o desafio de uma prática participativa. A *solidariedade* (8) é o último degrau na escala de aprendizagem da elaboração de crises:

"Agimos, tomamos iniciativas..." É o sinal de eficiente elaboração da crise, de integração social adequada. Não pode duvidar-se, todavia, de que somente poucos atingidos lograrão guindar-se a esta última curva da espiral. Mesmo os não-atingidos raramente chegam a alcançá-la.

Se cotejarmos a elaboração de crises por deficientes e pessoas acometidas de doenças incuráveis com a situação de pessoas que se debatem com crises existenciais, identificaremos uma característica comum: em última instância não há solução no sentido de ser-salvo da carga a suportar. A única solução viável consiste em não oferecer resistência *contra*, mas em *con-viver* com o aparentemente inaceitável. E isto se fará assumindo-se uma nova tarefa com metas diferentes e que há de ser individual e solidariamente configurada. Em antecipação a todos os biógrafos pode sustentar-se que tal espécie de configuração pode ser vivenciada como sentido e até mesmo como felicidade. Essa capacidade de elaborar a crise através de atividade participativa na vida comunitária redonda em "autodescoberta" mediante "ser-diferente" em meio às despropositadas normas de produção da nossa sociedade.

No final desta exposição quero esclarecer que inicialmente eu apresentava as espirais em forma de pirâmide. Pretendia com isso mostrar que a terça parte dos biógrafos não ultrapassou o estágio inicial, um outro terço parou no estágio intermediário e apenas um terço, computado entre 500 biógrafos, alcançou o estágio final. É importante observar que, de um modo geral, tinha isso a ver com a presença de uma pessoa que acompanhava o processo de aprendizagem. (A respeito disso acrescentei a ambos os volumes sobre a temática *Integração social de deficientes, Experiência biográfica e teoria científica*, volume I, e *Formação complementar como elaboração de crises*, volume II, resenhas biográficas de estudo de casos: Deficiência mental, por Pearl S. Buck, deficiência física, por Christy Brown, deficiência sensorial, por Helen Keller, deficiência psíquica, por Clara Park).

Além disso quero dar, o mais resumidamente possível, uma segunda indicação: A fase da agressão como catarse assume posição-chave. Significa isso que, à falta da fase em espiral da agressão no processo de aprendizagem, manifestam-se tendências à

não-aceitação e ao isolamento social. Se, ao revés, a fase em espiral da agressão se faz presente no processo de aprendizagem, robustecem-se as tendências à aceitação e à integração social. Em vista disto, o surgimento da agressão deverá ser provocado através de intervenção na crise, a fim de viabilizar-se a integração social. (Em abono dessa constatação me foi possível mostrar, com base em comprovações biográficas — compare *Formação complementar como elaboração de crises*, volume II — como a ausência, a falta, a interrupção ou a negação da fase de agressão pode implicar na ruptura do processo de aprendizagem da elaboração de crises. Tal situação condenaria o atingido a rigidez depressiva perene, segundo Käte Keller — deficiência sensorial, resignação, segundo Christa Schlett — deficiência física, não-aceitação, segundo Majorie Shave — deficiência mental, assim como, através de intervenção terapêutica, a agressão pôde ser desencadeada, disso resultando uma elaboração da crise com desfecho na integração social, segundo Richard d'Ambrosio — deficiência psíquica).

A figura da espiral — veja o gráfico V — ilustra o livre trânsito dos eventos internos, assim como a superposição de diversas circunvoluções no decurso da vida cotidiana e do relacionamento com outros. A figura sugere que essa difícil aprendizagem se prolongará pela vida inteira, mesmo depois de o atingido conseguir aceitar a sua vida cerceada por limitações como digna de ser vivida. A espiral não há de ser entendida em sentido simplesmente técnico. Pretende antes ser um símbolo de transposição em direções não identificáveis pelas curvas, que não conduzem à destruição, ao isolamento, à renúncia ao sentido da vida. Mostra, figuradamente, a “porta estreita, que conduz à vida” (Mt 7,14), um caminho através de infindáveis incertezas, o qual, inobstante tudo isso, permite pressentirmos o que seremos (cf. 1Jo 3,2).

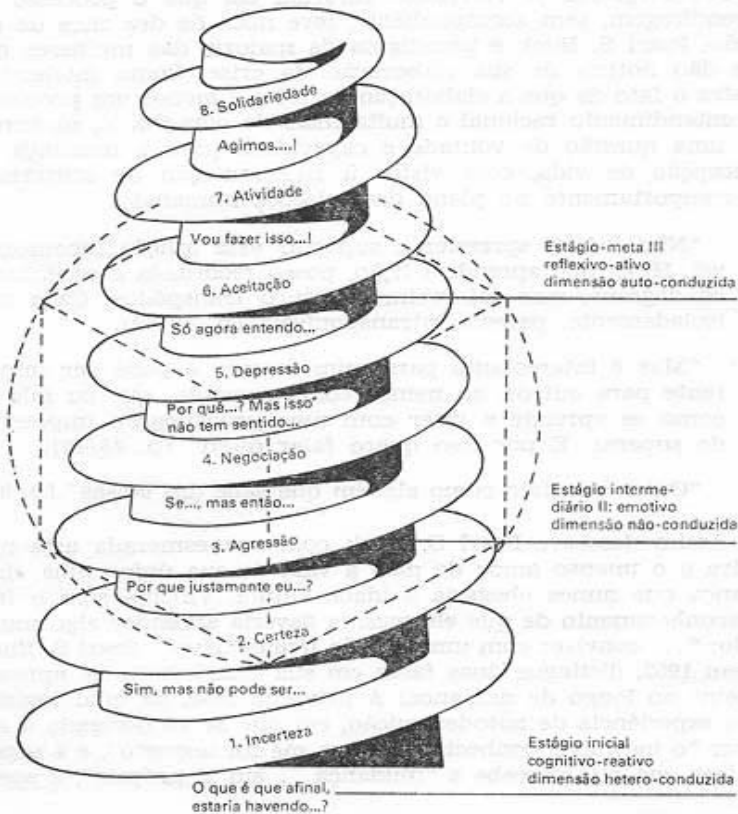
Por que nos detivemos com tanta minúcia nos acontecimentos vivenciados pelos atingidos? Teria o conhecimento das oito fases em espiral do processo de aprendizagem da elaboração de crises a eficácia implícita de aliviar situações como “ser abandonado” pelo parceiro, ser “excluído do mundo do trabalho”, “ser um deficiente”, ou “ter câncer”, ou “ser acompanhante de crises”?

A descoberta das características do processo de aprendizagem da elaboração de crises apresenta-se como um desafio a quantos, como pessoas isoladas — jovens ou velhos — na condição de membros da comunidade, colaboradores em postos de atendimento social, curas de almas ou pedagogos, de modo todo especial, possuam sensibilidade para acompanhar pessoas em situa-

ção de crise. Correto e coerente seria, de nossa parte, tornar-nos mais dispostos e capazes de aprendermos de nós mesmos o que é o nosso ser-humano como dádiva de Deus.

Afinal, trazemos em nós a experiência da mensagem bíblica: "Eu sou o *caminho!*" (não a meta). E nos dá alento a sabedoria de Martin Luther King: "There is no way to peace, peace is the way!". Aplicam-se também a nós as palavras de Jesus no Getsêmani: "Abba! Pai! A ti tudo é possível: afasta de mim este cálice; porém, não o que eu quero, mas o que tu queres" (Mc 14,36-37). É o mesmo que dizer: Não permitas que eu deixe de beber esse cálice, a fim de que me torne aquilo para o que me criaste!

Gráfico V: Elaboração de crises como processo de aprendizagem em oito fases em espiral



II. ELABORAÇÃO DA CRISE COMO PROCESSO DE APRENDIZAGEM, NO LIVRO DE PEARL S. BUCK: "CRIANÇA AMADA, INFELIZ. ESTUDO BIOGRÁFICO LINEAR"

As fases de elaboração de crises acima descritas serão a seguir ilustradas com a autobiografia de Pearl S. Buck, mãe de uma deficiente mental, dez anos antes da morte da autora, como exemplo de reelaboração da crise (*The Child who never grew*, Nova Iorque 1950, com o título equivocadamente traduzido para o alemão como "Criança amada, infeliz" [*Geliebtes, unglückliches Kind*], Viena/Heidelberg 1952). Pearl S. Buck, portadora do prêmio Nobel, vive a sua crise como qualquer outra mãe a viveria em semelhantes situações. A maneira como elabora suas experiências reflete o modelo de aproximadamente todos os mais de 500 biógrafos já referidos. Informa ela que o processo de aprendizagem, sem acompanhante, teve mais de dez anos de duração. Pearl S. Buck é paradigma da maioria das mulheres que nos dão notícia de sua elaboração da crise. Como intelectual, ilustra o fato de que a elaboração da crise é menos um problema do entendimento racional e muito mais do coração. É, na verdade, uma questão de vontade e capacidade para a mudança de concepção de vida, com vistas à transmutação de atitudes e de comportamento no plano das relações humanas.

"Não é fácil aprender a suportar essa aflição incontornável. Hoje, que aprendi a lição, posso recordá-la e reconhecer os degraus, mas foi realmente duro transpô-los. Cada um, isoladamente, parecia intransponível" (p. 41/42).

"Mas é interessante para mim mesma e pode ser importante para outros, ao menos como exemplo, que eu fale de como se aprende a viver com uma preocupação impossível de superar. E por isso quero falar disso" (p. 45/46).

"Outra vez: falo como alguém que sabe das coisas" (p. 96).

Assim descreve Pearl S. Buck com sua esmerada arte narrativa e o imenso amor de mãe a vida de sua única filha, uma criança que nunca chegaria à idade adulta. Vincula com o fato o reconhecimento de que ela mesma deveria aprender algo muito sério: "... conviver com uma aflição irremediável". Pearl S. Buck, já em 1952, distingue duas fases em sua "caminhada de aprendizagem" ao longo de dez anos: A primeira fase, na qual registra uma experiência de autodestruição, em que se vê obrigada a elaborar "o inevitável conhecimento que me foi imposto", e a segunda fase, em que percebe a "mudança... em si própria", e aceita

o seu destino como algo "dado", "cometido" a sua conformação pessoal.

"A primeira fase desse processo foi terrivelmente destrutiva. Já o tenho expressado: nenhuma alegria me restou. Todas as relações humanas, todas as coisas eram para mim destituídas de sentido..."

Até que ponto, nesse abandono à tristeza, ela encontrou o caminho de retorno para si mesma, é mostrado em sua análise sobre a mudança para a aceitação (6):

"Não sei como e por que meio se deu a mudança. Ela de qualquer modo saiu de mim mesma... (segunda fase). Foi nesse tempo que aprendi a distinguir duas espécies de pessoas: aquelas que haviam aprendido a conhecer a sua aflição inafastável e aquelas que disso não se davam conta..." (p. 47).

"É surpreendente e desalentador constatar quantos existem nesta situação... Não serviu para mim de consolo..., mas permitiu-me perceber que outros haviam aprendido a conviver com ela e que eu poderia fazer o mesmo. Ao que me parece, foi esse o começo da mudança" (p. 48 e 49).

Como se vê, relativamente a Pearl S. Buck, os "degraus de uma caminhada de aprendizagem" passam pelo estágio intermediário. No entanto, se examinarmos minuciosamente as biografias, constataremos que invariavelmente a maioria das examinadas, ao todo mais de 500, revelam terem os atingidos levado mais de três anos no estágio inicial, no processo de reconhecimento, para, saindo da *incerteza* (1), chegarem à *certeza* (2).

Perplexa, escreve Pearl S. Buck:

"Parece-me que fui a última a perceber que algo não estava em ordem com ela... Completara três anos de idade, quando comecei a estranhar" (p. 20).

Aponta, a seguir, quão fortemente foi obstaculizada a sua descoberta da verdade pelo comportamento do meio social e em consequência de acompanhamento inadequado. Refere a passagem da fase intermediária do *desconhecimento* (1.1) à da *incerteza* (1.2) como busca incessante de confirmação da parte de amigos.

"Perguntei a amigos sobre os seus filhos e lhes falava sobre o meu temor com relação à minha filha. A resposta deles era consoladora, demasiadamente consoladora" (p. 21).

Com propriedade caracteriza Pearl S. Buck modos de comportamento típicos da regra de irrelevância, ou seja, "agir como se" tudo estivesse em ordem. Percebe o "exagero" do consolo que as palavras inapropriadas traem:

"Proferiam todas palavras vazias que amigos bem intencionados utilizam para tranquilizar. E eu acreditava no que diziam. Mais tarde, vindo a saber toda a trágica verdade, perguntei-lhes se efetivamente não tinham nenhum conhecimento do que se passava com minha filha. Fui informada que o caso era este: Eles o tinham adivinhado ou pressentido, e os mais velhos até o sabiam, mas não se animavam a revelar-me a verdade" (p. 21).

E só por causa desse costume, observado pelo respectivo meio social, de minimizar o que é grave, Pearl S. Buck ficou condenada a permanecer, até o quarto ano de vida de sua filha, na fase intermediária da *inaceitabilidade* (1.3).

"Assim, minha filha quase completara quatro anos de idade, quando eu mesma descobri que o seu desenvolvimento mental cessara... Opus resistência e me neguei a acreditar no fato até as últimas possibilidades... (p. 22). Em todo o caso, devo ter tido mais medo do que a consciência me revelava. Lembro-me de que um dia fui assistir à preleção de uma médica americana convidada a falar sobre a criança em idade de educação pré-escolar. O que então ouvi trouxe-me a clareza de que efetivamente algo não estava em ordem com minha filha..." (p. 23).

Somente então começou a falar com médicos, assistir a palestras e, finalmente, convocou um conselho médico em sua casa, obtendo o mesmo resultado ambivalente.

"Alguma coisa não está certa...; não sei o que é. A senhora deveria consultar uma junta médica..." (p. 24).

Com tal *certeza* (2) "de que algo não estaria certo" entrou Pearl S. Buck a percorrer, em tormentosa viagem, todos os continentes. Em suma, ingressou na fase da *negociação* (4) com o "arsenal de recursos médicos mundiais", com vistas à compra de uma esperança:

"Teve então início a longa viagem, com o fito de conhecer os pais de tais crianças. Falei com muitos deles. É invariavelmente a mesma coisa: Movidos pela convicção de que apesar de tudo deverá haver alguém capaz de efetivar a cura, arrastamos nossos filhos por toda a terra, à procura de quem possa ajudar-nos" (p. 26/27).

Narra Pearl S. Buck o fim da viagem, quando, num único relance, a verdade inexorável lhe foi revelada:

"O fim da viagem aconteceu em Rochester, Minnesota. Haviam-nos enviado à Clínica Mayo... (p. 31). E então ocorreu algo, pelo qual devo ser grata enquanto estiver vida...

Devo agradecê-lo ao homem que, no exato momento em que eu passava por ali, saiu de um quarto vazio...

Com voz quase agressiva, o olhar severamente pousado sobre mim, dirigiu-me a palavra num inglês quebrado. 'Disse ele que a criança poderia ser curada?' 'Escute o que vou lhe dizer', começou ele. 'Digo-lhe, distinta senhora, que a criança nunca será normal. Não se iluda! Destruirá a sua vida e reduzirá seus familiares à mendicância, se não desistir da esperança e encarar de frente a realidade. Nunca ficará curada — ouviu bem?

Estou lhe dizendo a verdade em seu próprio benefício!" (p. 34/35).

Como expressão do desespero sem limites com essa "brutal comunicação da verdade" — a menina entrementes completara cinco anos de idade e as chances de uma "descoberta dosada da verdade" através do ambiente social se haviam esgotado — torna-se compreensiva também a *agressão* (3), como desejo de morte da criança:

"A morte seria muito menos difícil de suportar, pois a morte é definitiva. O que foi já não é. Quantas vezes se desprendera do meu coração o clamor de que seria melhor minha filha morrer. Para vocês, que não conhecem semelhante situação, isso pode causar pasmo, mas tal não sucede relativamente àqueles que experimentaram algo semelhante. Eu teria bendito a morte de minha filha, porque então ela estaria para sempre resguardada..." (p. 42).

E conclui com toda a franqueza:

"Para o bem dos outros, obrigados a trilharem esse mesmo áspero caminho, devo declarar que minha rejeição interior durou anos... Razão e sentimento do dever não podem indefinidamente ter o comando, quando o coração está quebrado" (p. 45).

O tempo da *depressão* (5), como primeira fase, pontilhou o "caminho de aprendizagem" de Pearl S. Buck. É relevante observar que ela própria descreve as *duas espécies de depressão* — a

antecipatória e a retrospectiva — como experiência sua: A *depressão antecipatória*, como tristeza pela insegurança futura da filha, cujo destino seria mais tarde entregue a estranhos, e a *depressão retrospectiva*, como elaboração aflitiva do perdido sonho de uma vida brilhante e do retrocesso ao isolamento:

“... tinha eu à minha frente dois problemas, e parecia-me que ambos eram insuportáveis.

O primeiro era a pergunta sobre o futuro... (p. 38) e a este se acrescentava o segundo, o problema da própria vida arruinada. Toda a luminosidade da vida se extinguiu, todo o orgulho materno se desvanecera. Tem-se a sensação de que a vida realmente está cortada com a vida da filha. A cadeia da geração ficou interrompida...” (p. 42).

A “mudança”, inexplicável, no plano racional, no sentido da *aceitação* (6), como início do estágio-meta já foi apresentada como a segunda fase de sua aprendizagem. Mas a intensidade com que, de forma sempre nova, ela vivenciou também as fases do modelo da espiral é descrita por ela mesma:

“O primeiro passo era este: Assumir o fato como ‘dado’...”

Mas na prática esse passo teve de ser muitas vezes repetido. Vezes sem conta voltava eu a resvalar para dentro do pantanal... A visão das filhinhas sadias dos vizinhos...”

E, em analogia com a *aceitação* (6), declara Pearl S. Buck:

“Só agora eu reconheço...!”

Comecei a alegrar-me pelo que esta vida ainda me podia oferecer...

Os livros estavam em primeiro lugar.

Depois... as flores...

Princípios tudo isso com uma espécie de admiração pelo fato de que tais coisas continuavam a existir como antes, seguida da constatação de que o ocorrido na verdade nada alterara a não ser a mim mesma” (p. 50).

A *ação* (7): “Farei isso...?” De parte dela se desenvolve, por um lado, na forma de procura de um lar substituto como garantia do futuro de sua filha e, por outro lado, de um intenso envolvimento com palestras e orientações de pais e, ainda, com a instalação e financiamento de trabalhos de pesquisa.

Escreve ela:

“O fato de eu saber o que devo realizar e de ter podido pensar sobre o modo de fazê-lo, na realidade, não sarou a inexorável aflição, mas ajudou-me a conviver com ela...”

Finalmente, nela se afirma a *solidariedade* (8). "Agimos...!" Nós a encontramos, não em último lugar, na redação e publicação de sua autobiografia, que sobretudo se distingue dentre muitas outras, graças a sua insuperável autenticidade. Com tal atitude constrói a autora um relacionamento peculiar com seus leitores.

"Não será fácil dizer em tudo isso a verdade. Mas exposto de outra maneira seria inaproveitável" (p. 14).

Desta sorte Pearl S. Buck solidariza-se com cada um dos atingidos e com ele empreende a caminhada: Do desejo da morte ao sim à ação comunitária e à aprendizagem que jamais terminará.

Veja-se o remate:

"Deve-se carregar a aflição, deve-se saber que o sofrimento assumido por inteiro encerra em si mesmo os seus próprios dons. O sofrimento tem sua alquimia especial. Pode ser transformado em sabedoria, a qual, embora não traga ventura, traz felicidade interior" (p. 8).

Assim Pearl S. Buck, inobstante fracassos inevitáveis, ousa prosseguir carregando o seu sofrimento e com isso experimenta a sua crise como chance de aprendizagem! Reconheçamos que, uns com relação aos outros, nos liga dependência mútua, se é que a vida — e entenda-se com isto sobrevivência — deve ter bom êxito. Para tanto pode contribuir o modelo interativo da elaboração de crises, como processo de aprendizagem ampla, desde que ofereça estímulos didático-pedagógicos para a prevenção de crises e intervenção em crises e com isso crie condições prévias para uma prática educativa constante. "Não devo limitar-me a dar tempo à vida, mas devo dar vida (experiência) ao tempo", na enunciação do Profeta. Apenas sob outra forma, já séculos antes de nós o mesmo ensinamento era expresso por pensadores como Hipócrates, Platão, Cícero e Galeno de Pérgamo: "Nunca pares de iniciar e jamais inicies a parar!"

Tradução de
Antônio Estêvão Allgayer